

O rei e o rito

José Carlos Rodrigues

“Menino com três corações batendo nele, mina de ouro mineira. Garoto pobre sem saber que era tão rico. Riqueza de todos, a todos doada, na ponta do pé, na junta do joelho, na porta do peito.”
Carlos Drummond de Andrade

I

Se as ideologias falam por seus silêncios, o mutismo das ciências sociais brasileiras em torno dos aspectos ideológicos do futebol salta aos nossos olhos. É tão sensível a importância atribuída a este esporte nos cotidianos brasileiros que um forte contraste se estabelece, de imediato, entre esta e o descaso a que o têm relegado os nossos cientistas sociais. Neste sentido, não seria exagerado dizer que pesquisar a ausência do futebol entre os nossos temas sociológicos seria, por si só, um assunto bastante revelador no campo da sociologia da ciência e das relações entre o saber e o poder no Brasil.

Entre os brasileiros, principalmente, a figura de Pelé assumiu – no interior deste universo de projeções e identificações que se tem revelado no futebol – dimensões a que não raramente se atribui caráter mítico. Sua biografia, objeto de numerosas declamações, tem sido exibida como o relato exemplar do triunfo das disciplinas e esforços individuais sobre as circunstâncias adversas da vida. Da imagem de Pelé, se fez a condensada narrativa da passagem da pobreza à riqueza, do anonimato à fama, sempre através de uma sociedade permeável aos méritos e aos esforços individuais.

Contudo, mesmo se o sucesso que a biografia de Pelé reproduz correspondesse em sua integridade a eventos factualmente verdadeiros,

ela não retiraria certamente a necessidade de nossa consciência da existência de outras narrativas, ao menos igualmente verdadeiras – silenciadas, entretanto – em que os esforços e as disciplinas individuais sucumbiram às circunstâncias sociais adversas. Nessas narrativas, poderíamos encontrar o testemunho de uma sociedade impermeável e hermética.

Do confronto dessas biografias possíveis não nos seria difícil levantar a altamente plausível hipótese de que a simples escolha da celebração da história da vida de Pelé corresponde à eleição de uma imagem determinada da sociedade. A uma opção política, portanto.

Como representante de uma imagem favorável da sociedade, a figura de Pelé tem sido louvada de diversas maneiras. Porém, ao contrário do que se vem tentando fazer crer, o que se reverencia, nessas homenagens, são menos as qualidades reais da pessoa individual que os princípios ocultos de um modelo de vida social e os requisitos disfarçados de uma pauta de expectativa de comportamentos a que os indivíduos devem se submeter.

Em nome deste modelo proposto de vida social, os atributos componentes da identidade individual de Pelé são criados, omitidos e manipulados. De um modo aparentemente paradoxal, nas cerimônias em que manifestamente se pretende a exaltação de sua pessoa vemos-la digerida por uma estrutura de pensamentos, sentimentos e comportamentos que a absorve como mais uma peça de um sistema de proposições que, em outros domínios e situações, a substitui por outras peças capazes de executar as mesmas funções significacionais.

O que pretendemos verificar neste artigo é a maneira pela qual as homenagens, de que Pelé foi objeto no dia 18 de julho de 1971, quando de sua despedida do selecionado brasileiro de futebol, configuram uma reverência a uma imagem politicamente forjada da sociedade.

II

Uma das maneiras possíveis de se compreender os fenômenos sociais humanos é concebê-los como inseridos em sistemas de significação, dos quais retiram sentido. Segundo esta perspectiva, as relações sociais são processos comunicacionais sempre portadores de significados, conscientes ou inconscientes para os indivíduos que nelas estão envolvidos.

Poderíamos dizer que a sociedade é uma espécie de linguagem e que através do conhecimento desta linguagem podemos compreender as rela-

ções que existem entre as pessoas que constituem esta sociedade. Assim, detalhes como as distâncias físicas que as pessoas guardam entre si, as maneiras pelas quais se cumprimentam, o tempo e o modo por que se olham, o vocabulário e o tom de voz que utilizam em suas conversações, as indumentárias de que fazem uso, podem ser significativos sobre as posições que as pessoas ocupam na sociedade e as relações que mantêm entre si. Viver em sociedade é conhecer sua linguagem particular. E saber que qualquer detalhe, qualquer variação – mesmo considerável desprezível por um observador estrangeiro – pode ser altamente significativo.

Se a sociedade é uma linguagem, ela é capaz de tomar-se a si mesma como objeto de referência. Tornemos isto mais claro: a língua portuguesa é um sistema de significação, uma linguagem: entretanto, ela pode ser objeto de si mesma, na medida que eu possa usar a língua portuguesa para fazer referência à própria língua portuguesa. Esta propriedade que têm os sistemas de significação, as linguagens, de se referirem a si mesmas, ou a outras linguagens, chama-se metalinguagem. Quando, por exemplo, falo em português sobre a linguagem musical, a língua portuguesa se transforma em *metalinguagem* e a linguagem musical aquela sobre a qual eu falo, aquela que é o objeto do meu falar, se transforma em *linguagem-objeto*.

Vista como uma linguagem, acontecem, na sociedade, situações de natureza semelhante. São situações em que alguns sistemas de significação têm, como seus objetos, *outros* sistemas de significação. São espécies de “metalinguagens sociais” cujas linguagens-objetos são as próprias relações sociais.

De um modo geral, a metalinguagem tem por função controlar, conter, esclarecer ou resolver problemas, contradições e ambigüidades eventualmente constatáveis ao nível da sua linguagem-objeto. Bons exemplos disso temos quando um adulto fala sobre o falar de uma criança para corrigi-lo, ou quando se fazem perguntas do tipo: “O que você disse?”.

É nesse campo de relações comunicacionais e significacionais que vamos encontrar os mitos e os ritos. Vamos concentrar nossa atenção sobre os ritos, já que é um rito o objeto de nossas preocupações neste artigo. Façamos, inicialmente, apelo a um exemplo elementar que nos permita compreender o rito como realidade significacional, e, mais particularmente, como metalinguagem que tem por linguagem-objeto a própria vida social, da qual pretende resolver problemas, ambigüidade e contradições. Tomemos o ritual seguinte.

É relativamente comum, em algumas comunidades de descendentes de indígenas nas montanhas andinas, acontecer de os indivíduos se reunirem em torno de uma espécie de arena e colocarem a lutar um touro e uma águia. Amarram a águia ao dorso do touro e deixam com que ela o morda e o sangre. Tomam o cuidado de manter a águia sempre em posição vantajosa, interferindo todas as vezes que o touro possa deitar-se sobre a águia, e vencer o combate. À medida que o touro perde sangue, enfraquece, até ser morto pela águia. Quando a morte do touro acontece, as pessoas entram em frenética euforia.

Não será muito difícil perceber, nesse exemplo elementar, que o espetáculo da luta da águia contra o touro é uma linguagem ritual na qual se tematiza uma outra linguagem: aquela que contém os significados das relações entre os descendentes dos indígenas (simbolizados pela águia) e os descendentes dos espanhóis (representados pelo touro). A vitória da águia sobre o touro poderia ser vista como a vitória dos “indígenas” sobre os “espanhóis”. A luta, o rito, é uma espécie de metalinguagem; as relações entre “espanhóis” e “indígenas”, a linguagem-objeto desta.

O leitor atento já terá observado que na vida real acontece exatamente o contrário, isto é, são os “espanhóis” que vencem os “indígenas”. A tentativa de solução de contradições está dada exatamente nesse ponto: é exatamente porque no plano real os “touro” vencem as “águas” que, no plano da metalinguagem ritual, as águas vencem os touros. Marginalmente, lembremos que os mitos e os ritos são tentativas simbólicas de solucionar problemas da vida social, mas estas soluções nunca são reais quando os problemas são reais.

Uma outra característica da linguagem ritual é a sua constituição conotativa. Enquanto, na metalinguagem, um sistema de significação “fala” sobre outro sistema de significação (ou sobre si mesmo), na conotação, um sistema de significação “fala” por meio, através, de outro sistema.

Podemos tornar mais clara esta situação significacional. Imaginemos um empresário enunciando o seguinte pensamento: “minha empresa é uma família, eu sou um pai para os meus funcionários, eles são irmãos entre si.” Um pouco de atenção nos fará perceber que a proposição do empresário efetua a conjunção de dois sistemas de significação que são, a princípio, mutuamente independentes: um sistema “empresarial” e um sistema “familiar”. Verificaremos, em seguida, que as qualidades do segundo são como que “projetadas” sobre o primeiro. Desta forma, o siste-

ma “empresarial” fica conotado de “familiaridade” (carinho, amor, atenção, respeito, união, solidariedade, etc.).

Imaginemos, ainda, que se pergunte a uma dona-de-casa, o que ela considera importante na ação política. Suponhamos que suas repostas sejam: “ruas e cidades limpas”, “alimentação boa para todos”, “assistência social ao menor”. Com relativa facilidade percebemos aí uma espécie de “projeção” do seu mundo doméstico sobre o mundo político, porque não seria difícil ver suas respostas como equivalentes a “quartos e salas arrumados e limpos”, “mesa farta e comida bem preparada”, “educação dos filhos”, etc... Poderíamos constatar, nesse exemplo, que a dona-de-casa, ao falar obre o sistema político, o faz através, por meio, dos princípios de um outro sistema, o sistema “doméstico”. A vida política fica, então, conotada de “domesticidade”. Podemos verificar que o mesmo acontece, se retornarmos um pouco, no episódio da luta entre a águia e o touro: projetam-se, sobre as relações políticas, as relações entre os animais, isto é, fala-se de política através de um sistema que atribui significado às relações entre os animais.

Simplificando um pouco, poderíamos dizer que analisar um rito corresponde a realizar três operações básicas de “deciframento” de sua linguagem: a) descobrir quais as “contradições”, os “problemas” de sua linguagem-objeto que o rito pretende solucionar; b) compreender o seu falar conotativo, procurando apreender, por detrás de seus conteúdos manifestos, os seus conteúdos latentes, ou, dizendo de outro modo, passando de seus significados conscientes a seus significados inconscientes; e c) contextualizar, em termos da sociedade total, esses significados, para descobrir-lhes os seus sentidos sociais, ou seja, analisar o caráter da “solução” que o rito propõe para os problemas que aborda. Como ilustração, vamos tentar submeter a estas três operações a festa de despedida de Pelé do selecionado brasileiro de futebol.

III

De um modo geral, na nossa sociedade, os jogos correspondem a situações em que, partindo-se de uma igualdade formal absoluta entre os contendores, pretende-se, ao final, produzir diferenças relativas ente eles.

No caso específico do futebol, observamos que, a partir das mesmas regras para as duas equipes, do mesmo campo de competição (divididos

em duas metades rigorosamente idênticas em seus mapeamentos), do mesmo tempo disponível para execução das jogadas (dividido em dois períodos exatamente iguais em que, em cada metade do tempo, uma equipe ocupa uma metade do espaço – o que faz com que as eventuais diferenças do campo sejam diferenças iguais para ambas as equipes); a partir de um juiz (neutro por definição), de dois juizes auxiliares simetricamente dispostos e que não mudam de posição quando as equipes trocam as metades de campo que utilizaram na primeira metade de tempo (o que faz com que haja igualdade quanto ao acompanhamento que estes “fiscais” fazem das equipes – se um deles, por exemplo, é mais atento que o outro, será mais atento contra ou a favor de ambas as equipes igualmente, no tempo): a partir do mesmo número de jogadores, por equipe, podendo-se fazer o mesmo número de substituições e utilizar os mesmos apetrechos de jogo (chuteiras, camisas, etc.); a partir de todos os fatores aleatórios, como, por exemplo, quem deve dar a partida no jogo, quem deve enfrentar a luz do sol diretamente, etc., serem decididos por sorteio – produz-se, finalmente, uma diferença entre vencedores e derrotados.

Em suma, o futebol é um sistema de igualdades iniciais destinado a se transformar (salvo no caso do empate, em que se mantém a igualdade) em um sistema de diferenças, de acordo com o mérito ou sorte dos competidores.

Se as coisas são realmente assim, somos tentados a ver o futebol como um terreno propício a representar as relações existentes em uma sociedade competitiva e a legitimar as desigualdades sociais resultantes. Podemos encarar o futebol como uma espécie de linguagem ritual, ou seja, de uma metalinguagem, que diz: as oportunidades iniciais são as mesmas para todos, há igualdade de oportunidades; todos estão submetidos às mesmas regras; não obstante, em função de seus méritos, em decorrência de fatores aleatórios, uns serão vencedores e, outros, perdedores. Todavia, assim como no futebol, na sociedade as derrotas são precárias, pois é sempre possível “levantar a cabeça e sair para outra”.

A própria forma da bola – igual qualquer que seja o ponto de onde se a observe – é já um indicador dessa vocação “democrática” dos jogos de bola. Compreendemos, então, que existe no futebol, e nos jogos desse tipo, uma dimensão política que talvez responda por sua larga aceitação nas competitivas sociedades industriais: nos interstícios da linguagem futebolística, poderemos encontrar, expressas de maneiras conotativas, mensagens sobre igualdade e desigualdade sociais. Ele é, simultaneamente, uma metalinguagem e um sistema conotador.

Feita essa pequena introdução à posição ocupada pelo futebol, simbolicamente, em nossa sociedade, delimitamos um domínio dentro do qual será possível refletir sobre a festa de despedida de Pelé do selecionado brasileiro de futebol. Atentemos para os detalhes da narrativa seguinte, por meio da qual pretendemos recordar os episódios que tiveram lugar no estádio do Maracanã, naquele 18 de julho de 1971.

Quando Pelé anunciou que não mais iria participar, como jogador, das seleções brasileiras de futebol, decidiu-se que este evento deveria ser marcado por homenagens, através das quais seriam expressas a admiração e a gratidão do povo brasileiro àquele que foi considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos: Pelé, o “rei do futebol” – a quem tantas glórias devia a nacionalidade. Organizou-se, então, uma partida internacional, na qual celebrar-se-ia sua despedida. O adversário escolhido foi a seleção de futebol da Iugoslávia.

Dessa partida, cujo horário foi fixado de modo a atender os interesses de emissoras de rádio e televisão européias, Pelé participou como jogador apenas durante sua primeira etapa. No intervalo habitual, antes de começar o segundo tempo do jogo, ocorreu a seguinte cerimônia:

- a) as equipes retornaram de seus vestiários, e ficaram aguardando o reaparecimento de Pelé;
- b) Pelé retornou ao campo, mas ao invés de fazê-lo pelo túnel do vestiário de sua equipe, como seria normal, fê-lo pelo túnel do vestiário dos juízes;
- c) Pelé ingressou no campo acompanhado de dois gandulas (aquele que busca a bola, quando esta sai do campo);
- d) esses gandulas eram crianças, uma branca e outra preta, e vestiam camisas da seleção brasileira, com o número 10 às costas;
- e) com os gandulas, e sobre a linha central, correu até o centro do campo, onde havia uma bola parada, e a chutou;
- f) recebeu, como presente, de todos os jogadores da seleção brasileira, as suas camisas;
- g) iniciou, em torno do campo, uma “volta olímpica”;
- h) enquanto Pelé fazia a volta olímpica, sobre as linhas laterais e de fundos do campo havia uma espécie de corredor, por onde passava, formado por jogadores de futebol dente-de-leite (crianças);
- i) essas crianças vestiam uniformes de todos os clubes de futebol do Rio de Janeiro;

- j) próximo à baliza em que assinalou o seu milésimo gol, Pelé tirou a camisa da seleção brasileira e, com ela, enxugou suas lágrimas;
- l) terminando a volta olímpica, retira-se do campo, mas não o faz pelo túnel do vestiário de sua equipe, como seria normal, mas pelo túnel destinado à Federação (órgão administrativo dos certames futebolístico);
- m) Pelé troca o uniforme de jogador de futebol por um terno e reaparece, sentado na Tribuna de Honra, entre o Arcebispo e o Governador do estado da Guanabara;
- n) da Tribuna de Honra, assiste ao restante do jogo.

Analisando a cerimônia, vamos procurar na linguagem futebolística o significado dos diversos elementos que aparecem na festa e tentar atribuir-lhes possíveis valores conotativos; em seguida, vamos tentar descobrir se esta linguagem futebolística contém mensagens que procurem solucionar contradições e problemas da vida social e examinar o caráter das soluções que a estas contradições e problemas são oferecidos.

Em termos futebolísticos, o túnel dos juizes é um dos caminhos de acesso ao campo de jogo. Todavia, não é um caminho como qualquer outro (pular o fosso que separa o campo das gerais, por exemplo): é o caminho reservado às autoridades do jogo; é o caminho daquele que decide, arbitra e não toma partido senão da lei (regras). O túnel dos juizes é o caminho da autoridade neutra e, por isso, um caminho neutro.

Ao entrar no campo, Pelé o faz acompanhado de gandulas. Em linguagem futebolística, o gandula é aquele que busca a bola quando ela sai de campo. Ele é aquele que nada decide sobre o andamento da partida; pelo contrário: é a partida que decide sobre o seu andamento. Se existisse uma pirâmide de estratificação social futebolística, o gandula estaria na mais baixa posição da mesma, porque é inteiramente destituído de poder reconhecido.

Mas estes gandulas são crianças. Nada impediria, em princípio, que fossem adultos ou adolescentes, já que em muitos pontos do Brasil e do exterior não são crianças que executam essas funções. Se se optou por crianças, esta opção pode conter algum significado. Pelé, entre muitas famas, tem a de ser um amante das crianças. Todavia, não parece ser este o ponto mais importante. Sociologicamente falando, a criança é aquilo que ainda vai ser, ou seja, um bom significante para “futuro” – porque dela se espera que se desenvolva no tempo. Entretanto, nada nos impede de a vermos também como significando “passado”, uma vez que ela é aquilo que já fomos. Este caráter polissêmico, significando ao mesmo tempo

“passado” e “futuro”, pode parecer contraditório, mas não o é. Adiante veremos como desempenha uma coerente função simbólica no sistema.

Dessas crianças, uma é preta; a outra é branca. Ambas usam a mais festejada camisa da história do futebol: a número 10 da seleção brasileira. Iguais. Por que não duas crianças pretas? Ou duas crianças brancas? Não será, pois, difícil, compreender a existência de uma significação subjacente. Ela é a mais elementar, a mais terra-a-terra: uma significa “pessoas de cor branca”; a outra, “pessoas de cor negra”.

Correndo sobre a linha central do campo, a que não pertence a nenhum dos lados deste, Pelé chutou a bola que estava parada, aguardando por ele, no ponto central do campo, no centro das “igualdades”. Marcou a linguagem que estava sendo usada – a futebolística – e deu oficialmente início à “partida” simbólica que se desenrolou aos olhos dos espectadores.

Esta é uma partida diferente, porém. O tempo ficou para trás: antes de chutar a bola e iniciar a partida, Pelé largou as mãos das duas crianças. A cena não se desenvolve antes da partida. Nem durante. Nem depois. Ela se desenvolve entre os dois tempos da partida, em um momento em que não há competição. O tempo, portanto, foi neutralizado e abolido. A cena tornou-se, simultaneamente, pancrônica e acrônica. Não poderia ser diferente, por que sem tempo não há despedida e para todos os tempos são válidas as proposições que estão sendo feitas. De fato: trata-se de não despedir, porque a despedida do símbolo pode significar o adeus da coisa simbolizada, e de reverenciar um símbolo cujas virtudes devem estar em todos os tempos.

A “volta olímpica” só pode ser realizada pelos vitoriosos. Em termos futebolísticos, a volta olímpica contém a consagração. Ela é a marca de que ali não está um jogador qualquer, mas um vitorioso. E o vitorioso corria fora do tempo, entre todas as camisas dos clubes de futebol do Rio de Janeiro, camisas estas que são evidentes representações da comunidade futebolística. Esta presença total da sociedade futebolística invoca a presença da sociedade total. A sociedade, com o tempo abolido, estava presente, portanto. Delimitava, pelo corredor que as crianças formavam, os caminhos por onde o vitorioso e a vitória desfilavam. E demarcava também o tempo: o caminho está simultaneamente em todos os tempos (passado, presente e futuro) e fora do tempo.

Pelé detém-se nas proximidades da baliza em que assinalou o milésimo gol e enxuga suas lágrimas na camisa verde e amarela da seleção brasi-

leira. Chora também sobre ela. Aglutina a vitória, a pátria e o indivíduo. Faz, dessas coisas, uma coisa só, porque chorar sobre a camisa da seleção brasileira não é chorar sobre um objeto qualquer. É chorar sobre as cores da nacionalidade. É, no mínimo, um ato de reverência.

Essa aglutinação pátria-indivíduo-vitória já havia sido feita antes, quando a coletividade dos jogadores da seleção, à época campeã mundial de futebol, presenteou um de seus indivíduos com suas camisas. Há, portanto, uma espécie de reciprocidade complementar entre o indivíduo e a sociedade e a mesma reverência da parte da coletividade para o indivíduo-vitioso-que-segue-pelos-caminhos-que-a-sociedade-delimita.

O homenageado prossegue a volta olímpica, enquanto a multidão grita e implora: “fica! fica!”. Os alto-falantes do estádio tocam a marcha *Avante Brasil*. O homenageado encerra a volta olímpica. Retira-se, não pelo túnel de algum dos competidores, mas pelos caminhos da autoridade exterior ao campo (embora ainda nos domínios futebolísticos) – o da Federação. A autoridade da Federação decorre da associação de todos e, por isso, não é de ninguém em particular. É neutra. Nesse momento, os alto-falantes do estádio tocam a *Valsa da despedida*.

Não obstante, não se tratava de uma despedida real. Já dissemos que o adeus do símbolo pode ser o adeus da coisa simbolizada. Trata-se, mais apropriadamente, de uma passagem ritual, no sentido que os antropólogos dão a este termo: não é exatamente um término, mas uma mudança de posição e de situação. Pelé troca suas roupas, substitui os signos que apontam a identidade do jogador de futebol por roupas cotidianas. Todavia, essas roupas cotidianas não são quaisquer: são daquelas que se espera que as pessoas de certa distinção usem. Roupas novas, signo outros, Pelé reaparece, sentado na Tribuna de Honra, lugar destinado nos estádios de futebol às autoridades e “personalidades”. Senta-se entre a autoridade temporal e a autoridade religiosa. E se transforma em espectador da partida. Como os outros.

Esta cerimônia de despedida foi um rito de passagem. Passagem da boca do túnel dos juízes, das mãos dadas aos gandulas, à Tribuna de Honra, ponto-de-referência básico do espaço do estádio (as coisas estão sempre à direita, à esquerda ou em frente da Tribuna de Honra, para os locutores de rádio, repórteres e pessoas que procuram se localizar no estádio).

Conotativamente, a festa de despedida de Pelé foi um discurso sobre a sociedade. O autor do milésimo gol, indivíduo que realizou a volta olím-

pica, aquele que agora está sentado entre o Arcebispo e o Governador, na Tribuna de Honra, é aquele que transitou pelos caminhos neutros da autoridade: é aquele que, sendo preto, ocupa uma posição que, na nossa sociedade, é normalmente ocupada por brancos; é aquele que faz a mediação entre pretos e brancos, que concilia simbolicamente uma contradição potencialmente problemática. O homem de pele negra que agora está na Tribuna de Honra, que ocupa o ápice da pirâmide social futebolística, o “rei do futebol”, é o mesmo que dá suas mãos aos gandulas, àqueles que ocupam o rés-do-chão da hierarquia social.

Ao espectador, por trás das homenagens ao “maior jogador de todos os tempos”, o rito diz: não importa que você hoje nada possa decidir sobre o andamento da partida; não importa se você é branco ou negro; as regras são as mesmas para todos; o campo em que se desenvolve a partida é o mesmo e oferece os mesmos obstáculos e vantagens a todos; se você seguir os caminhos neutros da autoridade, os caminhos que a sociedade aponta, você poderá marcar o seu milésimo gol, dar a “volta olímpica”, sentar-se na Tribuna de Honra.

E mais: no fundo, todos nós somos jogadores e espectadores da peleja social, mas os que hoje estão na Tribuna de Honra passaram por aqueles percursos, choraram sobre as cores da nacionalidade e fizeram seus milésimo gols, submetidos às mesmas regras a que você está submetido.

Percebemos, então, de que maneira, subjacente à mensagem futebolística e utilizando a linguagem dos estádios, falando “futebolês”, tecem-se sutilmente mensagens da natureza política, dirimindo oposições potencialmente problemáticas: elite/povo, poder temporal/poder religioso, brancos/pretos, futuro/passado, indivíduo/sociedade, diferenças sociais/igualdade social...

E, nisso tudo, a intencionalidade tem o seu lugar. Nesse domingo, 18 de julho de 1971, às primeiras horas da manhã, os jornais já circulavam. A edição do Jornal do Brasil desse dia destacava:

Programa da C.B.D. prevê os mínimos detalhes.

A homenagem oficial da despedida de Pelé foi previamente estudada – em todos os seus detalhes – e deverá seguir na seguinte ordem...